

## NESTOR E A PERFORMANCE DA TRADIÇÃO ÉPICA NO CANTO 3 DA *ODISSEIA*<sup>1</sup>

Christian Werner  
(FFLCH / USP)

### RESUMO

Nestor não conta a Guerra de Troia, o seu retorno e o de outros heróis a Telêmaco como um aedo ideal, mas aproximando passado, presente e futuro. É sua experiência que dá o tom da narrativa. O sucesso do cavalo de Troia é uma conquista de Odisseu, mas, na construção ambígua de Nestor, os planos de Odisseu não eram independentes dos do próprio Nestor: na única vez em que isso ocorreu, Odisseu perdeu seu retorno. Já o retorno do ancião baseia-se na sapiência e piedade que continua a demonstrar em Pilos. Ao contrário das histórias de Nestor na *Iliada*, na *Odisseia* elas não funcionam como um *ainos*, ou seja, não indicam uma opção recomendável de ação ao(s) interlocutor(es) por meio de um exemplo, mas, como na *Iliada*, guardam diversas relações com os eventos principais narrados na *Odisseia*.

**Palavras-chave:** Homero; *Odisseia*; tradição; narrativa; performance.

### ABSTRACT

Nestor does not tell the Trojan War and his and other Achaeans' return to Telemachos as an ideal bard, but by bringing past, present and future together. It is his experience that tinges his narrative. The success of the wooden horse tactic is Odysseus's achievement, but in Nestor's ambiguous formulation Odysseus' plans are Nestor's as well; the only time they split, Odysseus lost his return. Nestor's return, on his turn, is based on prudence and piety that he still uses to show in Pilos. In the *Odyssey*, Nestor's stories do not function as an *ainos*, that is, they do not point to the best decision to be taken in a certain moment, but, as in the *Iliad*, show many parallels with the main events narrated in the poem.

**Keywords:** Homer; *Odyssey*; tradition; narrative; performance.

Na *Iliada*, longas falas de Nestor têm como matéria principal o tema mesmo da poesia épica, gestas dos heróis de antanho, o que ele pode fazer, as-

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq. A tradução das passagens da *Odisseia* são de Werner (2014a); a tradução dos demais trechos também é de minha autoria. O texto da *Iliada* usado é o editado por van Thiel (2010). Agradeço ao parecerista anônimo pelas suas correções e observações.

sim como as Musas, por ter sido testemunha ocular de três gerações de heróis. Sua autoridade e habilidade discursiva fazem dele um dos grandes oradores do poema, e essa parece ter se tornado sua caracterização tradicional pan-helênica, o ancião sábio, cuja autoridade provém de sua idade e capacidade de formular discursos persuasivos. Neste artigo, discute-se de que forma essa caracterização está presente na forma como evoca a Guerra de Troia diante de Telêmaco na *Odisseia*.

## RECIPROCIDADE ENTRE DEUSES E HOMENS

Tanto na *Iliada* como na *Odisseia*, a ação principal se concentra em poucos dias, e o instante que marca o início desses dias pode receber uma formulação elaborada e significativa por parte de Homero.<sup>2</sup> Assim, os primeiros versos do canto 3 já implicam um tema central para a narrativa da estada de Telêmaco em Pilos (*Od.* 3, 1-3): “E Sol levantou-se e deixou o oceano bem belo / até o páramo muito-bronze, para brilhar a imortais / e a humanos mortais sobre o solo fértil”. A contiguidade entre humanos e imortais não só reaparece na sequência imediata, a descrição de uma festa em honra de Posêidon preparada pelos pílios (4-9), mas também é central no diálogo que segue, entre Atena, que assumiu a *persona* do itacense Mentor, e Telêmaco (12-30).

O cenário da conversa que segue diferencia-se de outras recepções de hóspedes – algo que a cena também é – por sua relação com um outro padrão, a aprendizagem de um jovem na performance de um *muthos*. Essa aprendizagem não será explicitada como tal à medida que ocorrer, até porque Atena sinaliza que ela se dá na prática ao apontar para um lado inato e outro dependente da atuação de um deus: o jovem, ao conversar com Nestor, ao mesmo tempo vai dar mostras de sua própria virtude, inata por ser filho de Odisseu, e ser aconselhado por Atena (“Telêmaco, uma ideia tu mesmo terás em teu juízo – *phresi... noêseis* –, / e outra a divindade vai sugerir – *hupothêsetai*”:

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, 5, 1-3: “Aurora, de junto do ilustre Títono, do leito / ergueu-se, para levar luz a imortais e a mortais; / os deuses estavam em assembleia...”. Aqui não é usado o verso padrão “Quando surgiu a nasce-cedo, Aurora dedos-róseos...”, o mais comum, em Homero, para marcar o amanhecer, mas um verso que aparece somente mais uma vez, e na *Iliada* (*Il.* 11, 1). Como sempre, pode ser a contingência da transmissão; entretanto, no canto 11 da *Iliada*, um dia decisivo na narração, vários chefes aqueus são feridos, permitindo que Heitor fure o bloqueio e queime um navio. Já na *Odisseia*, esse verso confere destaque aos nomes da deusa e do mortal, que ficam nas suas extremidades (Kahane 2005): ao mesmo tempo amantes, ao mesmo tempo separados, o que, em última instância, é causado pela mortalidade do parceiro. A separação entre homens e deuses será um dos temas fundamentais da sequência do canto, que trata da relação amorosa entre Calipso e Odisseu.

16-17). O receptor, com isso, é preparado para a especificidade da conversa entre Telêmaco e Nestor, de sorte que esse não será o único protagonista da conversa, ou seja, o jovem não será um espectador passivo, mas um produtor de discursos argutos.

Ao contrário da anomalia social que toma conta da casa de Odisseu e da cidade de Ítaca, o que é representado, respectivamente, nos cantos 1 e 2 do poema, os eventos que Telêmaco presencia em Pilos exemplificam uma situação de máxima harmonia social que prepondera tanto na cidade como na casa de seu rei. Trata-se de um momento único nos poemas homéricos para se verificar como o passado e o futuro podem ser encarados quando o presente é marcado pela prosperidade e paz.

Um bom líder sempre está atento aos perigos que o acaso pode trazer à sua coletividade; no caso de uma cidade costeira, por exemplo, piratas (3, 71-74). Já na forma como se dá a chegada de Telêmaco, enfatiza-se a harmonia entre a cidade, a dinastia que nela exerce o poder hierarquicamente mais elevado e Posêidon, seu deus tutelar, do qual descende a família que a dirige.<sup>3</sup> Tal harmonia é reiterada pela prece, ainda que irônica, feita por Atena, que toca no ponto da reciprocidade possível entre um deus e seus fiéis (55-62):

“Ouve, Posêidon sustém-a-terra, e não relutes,  
para nós que oramos, em completar estes feitos.  
A Nestor, primeiro, e aos filhos concede majestade,  
e depois aos outros confere agradável retribuição,  
a todos os pílios, pela esplêndida hecatombe.  
Dê ainda que Telêmaco e eu retornemos após fazer  
aquilo pelo qual para cá viemos com negra nau veloz”.  
Assim fez a prece e ela mesma tudo completou.

Aqui reitera-se o tema da relação entre deuses e homens, introduzindo-se um tópico que será relevante na narrativa do retorno dos aqueus feita por Nestor: as consequências funestas aos mortais quando tal reciprocidade é quebrada por meio de ações que ferem as prerrogativas do deus.

## O PASSADO DOS HERÓIS ENTRE A FAMA E O LAMENTO

Antes de comentarmos as narrativas feitas por Nestor a Telêmaco, vejamos a estrutura mais geral do diálogo entre Nestor, Telêmaco e Atena/Mentor:

<sup>3</sup>. Cf. *Od.* 11, 235-57; repare na família numerosa de Nestor, com vários filhos machos, mas sem que haja sinal de conflito entre eles. Ao contrário do que ocorre em Ítaca, em Pilos ocorre um sacrifício e banquete ordenado e público, conduzido pela família dirigente; cf. Saïd (1979).

- 68-74: Nestor pergunta quem são os estranhos e o que querem.
- 75-101: Telêmaco, em seu mais longo discurso a Nestor, pede notícias de Odisseu.
- 102-209: Nestor, em sua mais longa narrativa, conta como os aqueus, sobretudo ele mesmo, retornaram de Troia.
- 201-9: Telêmaco parte da conclusão da narrativa de Nestor – a menção a Orestes – para falar dos pretendentes em Ítaca.
- 210-24: Nestor menciona Atena como auxiliar de Odisseu em Troia; talvez ela ajude Telêmaco fazendo Odisseu voltar.
- 225-28: Telêmaco duvida.
- 229-38: Atena critica o pessimismo de Telêmaco e compara os retornos de Odisseu e Agamêmnon.
- 239-52: Telêmaco muda de assunto, focando o retorno de Agamêmnon e sua relação com o retorno de Menelau. É seu segundo maior discurso.
- 253-328: Nestor conta como se deram esses retornos.
- 330-36: Atena encerra a conversa e dirige a atenção para o sacrifício e a refeição.

A conversa estrutura-se, portanto, em torno de duas narrativas mais longas de Nestor que atendem a duas solicitações mais elaboradas de Telêmaco. Tanto Atena quanto Telêmaco, por sua vez, manifestam reações às narrativas de Nestor.

Aqui, assim como na conversa entre Atena e Telêmaco no canto 1, o interesse de Telêmaco é duplo: receber informações sobre o que ocorreu com Odisseu após o fim da Guerra de Troia, ou seja, após os gregos terem zarpado, e, uma vez que essas informações não são confiáveis e/ou promissoras, interagir com um interlocutor cuja autoridade exerce alguma influência sobre o jovem para formular alternativas de ação que levem ao controle da sua propriedade.

Nesse sentido, a conversa entre Telêmaco e Nestor tem semelhanças e diferenças em relação às performances discursivas de Nestor na *Iliada*.<sup>4</sup> Lá ele também conta histórias, que podem ser mais curtas ou mais longas. A iniciativa de contar uma história, porém, é dele, de sorte que fica configurado seu uso exemplar. Na *Odisseia*, a presença da matriz retórica do exemplo é mais complexa, entre outras razões, por ser Telêmaco quem determina o que quer ouvir e por serem duas as histórias solicitadas. Na *Odisseia*, portanto, temos um contexto mais dinâmico para a produção e recepção das histórias que nos trechos iliádicos em que Nestor realiza papel comparável.

<sup>4</sup> Acerca das histórias de Nestor na *Iliada*, cf. Alden (2000: 74-111) e Roisman (2005).

Telêmaco, ao indagar o ancião acerca de Odisseu, combina os dois modos recorrentes que aqueles que se referem ao herói utilizam na *Odisseia*, o lamento e o elogio (*Od.* 3, 83-101):

A vasta fama (*kleos euru*) de meu pai persigo, esperando algo ouvir,  
do divino Odisseu juízo-paciente, que um dia, dizem,  
contigo combatendo, aniquilou a cidade dos troianos.  
Vê, de todos os outros que guerrearam contra troianos,  
sabemos onde cada um finou-se (*apôleto*) em funesto fim (*olethros*);  
a ele até fim ignoto impôs o filho de Crono.  
Ninguém pode dizer ao claro quando finou-se,  
se em terra firme subjugado por varões inimigos,  
se também no oceano, entre as ondas de Anfitriite.  
Por isso cheguei agora a teus joelhos, esperando querer  
narrar sua funesta ruína, se acaso viste  
com teus olhos ou ouviste de outro o discurso  
de que vaga: infeliz ao extremo, assim a mãe o gerou.  
Nada edulcores, com respeito ou piedade por mim,  
mas conta-me bem com que visão te deparaste.  
Suplico-te, se um dia para ti meu pai, o nobre Odisseu,  
cumpriu palavra ou ação sob promessa  
na terra troiana, onde sofrestes desgraças, aqueus.  
Disso agora para mim te lembra, e narra-me sem evasivas.

A solicitação de Telêmaco não é um pedido objetivo por uma informação objetiva, mas um apelo emocional calcado nos laços que unem Odisseu e Nestor, na relação assimétrica entre Nestor e Telêmaco e nos aspectos extremos do destino de Odisseu.<sup>5</sup> Esse aspecto emocional visa a garantir que Nestor não sonegará informações dolorosas, uma contenção que está no horizonte de quem faz um relato na *Odisseia*, embora não seja um protocolo rígido.

Eumeu, por exemplo, condiciona a produção de um relato cheio de sofrimentos a um certo tempo mínimo transcorrido entre o relato e os acontecimentos relatados (*Od.* 15, 399-401). Essa e outras passagens permitem que se formule a regra social segundo a qual uma narrativa não deveria provocar aflição no público, apenas prazer. Outras passagens, porém, relativizam a regra: não só o choro pode deleitar (*Od.* 4, 102-3), mas ele não exclui algum ganho cognitivo (Halliwell 2011; Peponi 2012). Assim, sobretudo em situações de prazer e alegria, como a recepção de um hóspede, cumpre ao anfitrião e ao hóspede avaliar se o inequívoco embaraço de chorar em público (*Od.* 4, 113-20; 8, 83-92) deve ser evitado ou não.

<sup>5</sup> Para as razões da presença de elementos da súplica, cf. Crotty (1993: 116-17); para de Jong (2001: 74), Telêmaco apresenta a morte de Odisseu como único destino possível para garantir a Nestor que está preparado para ouvir o pior.

Ao longo da *Odisseia*, Telêmaco nunca demonstra ter interesse nas façanhas que Odisseu realizou em Troia. Tais realizações não consolidam o status de Telêmaco na sua comunidade.<sup>6</sup> De fato, a relação entre o passado do pai e o presente do filho, uma constante nos poemas épicos (Wöhrlé 1999; Bouvier 2002), não costuma ser de causa e efeito, mas antes de potencialidade: são as façanhas do jovem que vão demonstrar se ele é um digno filho de seu pai (Grethlein 2006: 63-84).

A ausência de Odisseu, que colabora para as aflições presentes de Telêmaco, reverbera na forma como focaliza a guerra de Troia, acentuando o que ela teve de negativo – as mortes que gerou –, o que é reiterado no final de sua fala por meio de um verso formular cujo segundo hemistíquio se destaca pela sua sonoridade: δῆμῳ ἔνι Τρώων, ὅθι πᾶσχετε πῆματ' Ἀχαιοί (3, 100 = 4, 243; 3, 220; 24, 27). Essa focalização não só é adequada por Odisseu continuar desaparecido, ou seja, os efeitos da guerra continuam a se manifestar no presente, mas porque a guerra significou, para Nestor, a perda de um filho, Antíloco. Em um outro nível de comunicação, Telêmaco ecoa a perspectiva do receptor, para quem *todos* os combatentes de Troia estão mortos (3, 86-87). Telêmaco usa a primeira pessoa do plural (“nós sabemos”)<sup>7</sup> e afirma que, com exceção de Odisseu e Nestor, *todos* que lutaram tiveram uma morte conhecida: essa não pode ser a perspectiva da personagem, já que pelo menos Menelau ainda está vivo. Trata-se da perspectiva do receptor e de Hesíodo em *Trabalhos e dias*, para quem a idade dos heróis foi composta por todos que lutaram em Troia e Tebas e estão mortos ou na Ilha dos Bem Aventurados (*Trabalhos e dias* 156-66).

A redução da guerra de Troia à morte funesta por Telêmaco também é acentuada fonicamente: ἄλλους μὲν γὰρ πάντας, ὅσοι Τρωσὶν πολέμιζον, / πευθόμεθ), ἦχι ἕκαστος ἀπώλετο λυγρῷ ὀλέθρῳ (3, 86-87).<sup>8</sup> Esse enfoque já é, além disso, em grande parte, a perspectiva adotada na *Iliada*,<sup>9</sup> poema no qual, na formulação de Jonas Grethlein, a guerra é a *conditio heroica* e a ênfase é na fragilidade da condição humana (Grethlein 2006: 153-4).

<sup>6</sup> Penélope e aliados antigos de Odisseu tentam escorar a autoridade do rei ausente naquilo que esse realizou, como rei, em Ítaca.

<sup>7</sup> Ela contrasta com a primeira pessoa do singular usada nos versos 82-83 e 92. No verso 81 (“Nós de Ítaca, sob o Néion, chegamos...”), a referência é a toda a tripulação da nau ou a Telêmaco e Mentor.

<sup>8</sup> A repetição do som das letras π e λ reforça não só a união entre esses dois versos, mas também a deles com o segundo hemistíquio do verso 85: Τρώων πόλιν ἐξαλαπάξει. Esses 3 versos compõem uma unidade temática.

<sup>9</sup> Acerca da mentalidade guerreira representada nos poemas homéricos, sobretudo na *Iliada*, cf. Wees 1996, que mostra que a guerra tende a ser representada de forma negativa.

Entretanto, a condição de existência dos poemas épicos implica algo que supera a fragilidade dos heróis, exacerbada pelas atividades a que se dedicam. Guerra e morte não geram, para os vivos, apenas aniquilação, e, portanto, um discurso de lamento; o discurso de Telêmaco deixa entrever duas formas contíguas de ultrapassar a morte, o *kleos* (3, 83)<sup>10</sup> e a narrativa (93) apoiada na memória (101). Memória e *kleos* são noções centrais na autoconceitualização do discurso épico. Telêmaco pede para ouvir informações acerca de Odisseu, que cogita estar morto, num discurso que flerta com o lamento, ou seja, reiterando o fim que é a morte,<sup>11</sup> mas, ao mesmo tempo, o receptor ouve o próêmio de uma performance épica sobre os *nostos* de Odisseu e Nestor, ou seja, protagonistas da guerra de Troia que conseguiram levar a cabo seu retorno, portanto, retornar à vida.

Que no discurso de Telêmaco acabe ressoando o retorno bem-sucedido, tradicional, de Odisseu, isso é indicado, também, pelo epíteto escolhido por Telêmaco para presentificar Odisseu (“juízo-paciente”: *talasiphronos*, 84), não só exclusivo desse herói, mas muito mais utilizado na *Odisseia* que na *Iliada*: é graças à qualidade expressa pelo epíteto que Odisseu conseguirá sobreviver e reaver sua propriedade e esposa.<sup>12</sup> É nesse sentido que se pode entender por que Telêmaco não proclama o próprio nome,<sup>13</sup> o que lhe fora solicitado por Nestor (69-71): dessa forma fica minimizada a importância do jovem diante do *kleos* do pai, algo na contramão do que costuma ocorrer no discurso épico, quando um herói pode proclamar sua identidade, apoiada em sua genealogia, em vista de uma ação prestes a realizar.<sup>14</sup> Assim como o aedo que se dirige às Musas tradicionalmente apaga seu papel como gerador do discurso, Telêmaco quer que o discurso de Nestor se concentre em Odisseu. Para o receptor,

<sup>10</sup> O sentido superficial de *kleos* nessa passagem é “notícia”, mas o adjetivo *euru* deixa ouvir seu sentido marcado na épica, a “fama” que se constitui no próprio canto.

<sup>11</sup> Bonifazi (2012: 49, n. 122) identifica em 3, 86-93, especialmente por meio do uso de *keinos* nos versos 88 e 93, protocolos do lamento ritual. Para a autora, trata-se de um “metapoetic switch” entre a narrativa épica “ordinária” e o lamento ritual (p. 48). De fato, não só o lamento é um discurso assimilado pela poesia épica (Tsagalis 2004), mas, pelo seu caráter feminino, chega perto de esfacelar a tessitura épica (Murnaghan 1999).

<sup>12</sup> A resistência, pressuposta na raiz verbal de *talasiphron*, também é algo de que se necessita na guerra, como atesta o verbo *anatlaô* usado por Nestor (3, 104); em relação a essa capacidade de Odisseu, cf. *polutlêmôn* em *Il.* 7, 151-52, *hapax* iliádico de um adjetivo que, na *Odisseia*, também só aparece uma vez.

<sup>13</sup> Para outras interpretações acerca da não menção do nome, cf. West (1988: *ad* 4, 83) – a autora não vê maior importância nisso – e de Jong (2001: *ad loc*) – “apparently [he] is too shy or uncertain about himself to say ‘I am Telemachus’”.

<sup>14</sup> Cf. a forma como Odisseu revela sua identidade a Polifemo, deixando de ser Ninguém (9, 502-5).

portanto, esse discurso não aparece como um instante em que Telêmaco está conquistando seu *kleos* em um sentido estrito, interno ao poema.

A solicitação de Telêmaco a Nestor, nos termos em que é feita, implica, por um lado, certeza da morte de Odisseu, que é a perspectiva de Telêmaco ao assumir uma posição pessimista, mas também a do receptor para quem a guerra de Troia implica destruição e o fim da idade dos heróis. Por outro lado, o discurso de Telêmaco manifesta a confiança de que alguém que lutou com Odisseu e sobreviveu possa trazer uma boa notícia (*kleos*), o que, do ponto de vista do receptor, se consubstancia em uma performance épica que lhe torna Odisseu presente tendo em vista o alvo da *Odisseia*, a vingança contra os pretendentes. Na solicitação de Telêmaco, assim como no proêmio da *Odisseia*, fica clara a excepcionalidade de Odisseu.<sup>15</sup>

As perspectivas envolvidas no modo de Telêmaco se referir à Guerra de Troia e ao destino de Odisseu nesse discurso constroem uma relação complexa entre o passado e o presente. Nestor não poderá dar fechamento a esse passado porque ele não é Odisseu ou Homero, ou seja, aqueles que poderiam contar o que Telêmaco pede, o destino de Odisseu. Entretanto, Nestor, assim como faz na *Iliada*, pode falar sobre o passado de tal sorte que deixa para seu interlocutor construir as relações possíveis entre esse passado e o presente.

### A NARRATIVA DE NESTOR (1): A GUERRA DE TROIA

Já se compreendeu a resposta de Nestor a Telêmaco (3, 103-200) de diversos modos, pois ela não parece atender ao pedido de Telêmaco e, mesmo assim, é bastante longa; pensou-se na garrulice de um velho ou então em seu papel metapoético (Dickson 1995; de Jong 2001: 74). Na *Iliada*, Nestor embute em seus discursos longos uma solução para um problema com o qual ele e seu interlocutor se veem confrontados. Aqui, porém, em que o núcleo do problema de Telêmaco se origina do desconhecimento da localização de Odisseu, Nestor não explicita que nada sabe daquilo que aconteceu com seu companheiro nos últimos dez anos. Todavia, seu discurso faz mais sentido se levarmos em conta que Telêmaco não apenas solicitou informações; assim, não surpreende que o ancião finalize a narrativa com uma exortação a Telêmaco (199-200) após várias menções a figuras de filhos: Antíloco, filho de Nestor, é a figura culminante do “proêmio” (103-17); de Neoptólemo, filho de Aquiles, diz que demonstrou valor digno do pai em Troia (189); e Orestes, filho de Agamêmnon, é mencionado imediatamente antes da exortação final.

<sup>15</sup>. Compare 3, 87-88 e 1, 11-13.



A reação de Telêmaco ao discurso, que não se configura como um lamento (da morte) de Odisseu como nas performances de Menelau no canto 4, sugere uma sua finalidade principal (3, 202-9):

Nestor, filho de Neleu, grande majestade dos aqueus,  
deveras ele (sc. Orestes) se vingou e os aqueus  
levarão sua extensa fama, um canto aos vindouros.  
Ah! Se deuses me revestissem com tão grande força (*dunamis*)  
para vingar-me dos pretendentes pela acre transgressão,  
desmedidos que, contra mim, engenham ações iníquas.  
Mas os deuses não me destinaram tal fortuna,  
a meu pai e a mim. Agora, todavia, cumpre aguentar (*tetlamen*).

Telêmaco se vê como alocutário de uma exortação para que se torne, de fato, o senhor de sua propriedade, de preferência usando a astúcia como seu pai. Isso não significa que assimile corretamente todo o discurso. Quando fala em *dunamis*, a referência talvez seja à astúcia de Orestes, a qual, ao menos nas representações trágicas da história, é essencial para sua vitória. Quanto a sua certeza sobre o que os deuses lhe destinaram, o receptor sabe que ele está equivocado, e a narrativa de Nestor mostra que é impossível para os homens qualquer certeza acerca da vontade dos deuses, caso contrário, todos os aqueus teriam escapado (141-66). Por fim, suportar o sofrimento (209) é necessário, mas não da forma como Telêmaco supõe.

Para o receptor, a narrativa de Nestor ancora o retorno de Odisseu na tradição poética da poesia hexamétrica heroica (Marks 2008: 112-31; Petropoulos 2012), mais especificamente, em uma história-padrão, o retorno (*nostos*) dos heróis de Troia. Ao mesmo tempo, Odisseu é indiretamente caracterizado pelo que tem de comum e distinto em relação aos protagonistas dos outros retornos, alguns bem-, outros mal-sucedidos. O Odisseu da história de Nestor não destoa da forma como ele aparece no restante da *Odisseia*, pois é apresentado como muito esperto e capaz do pior equívoco, ou seja, mesmo sua astúcia superlativa não serve para dominar a contingência do acaso.<sup>16</sup>

Nestor inicia falando da guerra de Troia para, depois, relatar o retorno dele próprio e o de outros. Assim como Telêmaco, resume a guerra como sofrimento e morte, ou seja, a condição básica da épica heroica, a fragilidade humana, também está na base desse discurso (103-17):

Amigo, já que me lembraste da agonia (*oizus*) que, naquela  
terra, suportamos, filhos de aqueus, de ímpeto incontido,  
de quanto com as naus sobre o mar embaçado

<sup>16</sup> Acerca do papel da contingência do acaso na tessitura épica, especialmente iliádica, cf. Assunção (2000) e Grethlein (2006).

vagando (*plazomenoi*) atrás de butim aonde Aquiles comandasse,  
 de quanto em torno da grande urbe do senhor Príamo  
 lutamos; lá, então, quantos morreram, os melhores:  
 lá repousa o guerreiro Ájax, lá Aquiles,  
 lá Pátroclo, conselheiro de mesmo peso que deuses,  
 lá meu caro filho, não só forte como destemido,  
 Antíloco, notável como lesto corredor e guerreiro –  
 muitos outros males além desses sofremos: que  
 homem mortal poderia enunciá-los todos?  
 Nem se ficasses cinco, mesmo seis anos a meu lado  
 e inquirisses quantos males lá sofreram os divinos aqueus;  
 antes, irritado, para tua terra pátria voltarias.

Todavia, mesmo tendo perdido um filho, Nestor não é dominado pelo sofrimento, de sorte que sua fala não se aproxima de um lamento. Lembrar-se da agonia não é necessariamente revivê-la e experimentar os mesmos sentimentos, mas a possibilidade de, com uma delimitação prévia, dar uma forma narrativa ao experimentado que não irrite os ouvintes ao se transformar em uma ladainha. A rememoração também é responsável por dar vida àquilo que os mortos realizaram de notável, trazendo-o do passado para o presente. Nestor se alonga por dois versos na caracterização de seu filho, que, ao salvar o pai no campo de batalha, perdeu a vida.<sup>17</sup> A moldura desse heroísmo, porém, é o sofrimento (103 e 113), e esse sobressai. Retrospectivamente, porém, Antíloco faz parte da matriz habitual<sup>18</sup> à qual pertencem Orestes e Neoptólemo, exemplos de jovens notáveis com idade semelhante à de Telêmaco.<sup>19</sup>

A menção do nome de quatro heróis na forma de um catálogo<sup>20</sup> – pela ordem, Ájax, Aquiles, Pátroclo e Antíloco – expande o que Telêmaco fez muito brevemente e, em sentido restrito, somente com seu pai (84-85), selecionar heróis que lutaram em Troia e demarcar sua virtude. A seleção de Nestor, porém, é de heróis que morreram em Troia. As riquezas mencionadas provêm das cidades vizinhas que foram pilhadas (105-6), ação cuja dificuldade é destacada pelo verbo que, na *Odisseia*, expressa a errância de Odisseu (“vagando”; cf. 1, 2 e 5, 389) e também fora usado, na mesma posição métrica, por Telêmaco (3, 95). No caso do ouvinte que conhecer a história principal da *Iliada*, a

<sup>17</sup>. A façanha de Antíloco é central para a memória pan-helênica do próprio pai; cf. Píndaro, *Pítica* 6, 32-44.

<sup>18</sup>. Acerca dessa noção, que colabora para a estrutura de uma narrativa, cf. Bakhtin (1981: 169).

<sup>19</sup>. Compare o uso de *philos* para Antíloco (3, 111) e para Telêmaco (199); no verso 184, Nestor se dirige ao jovem como *phile teknon*.

<sup>20</sup>. Para uma definição estrita de catálogo, cf. Sammons (2010: 9); para este autor, um catálogo tem no mínimo três entradas, ao passo que para Minchin (2001: 75), quatro.

seleção de Aquiles como o líder dessas excursões de pilhagem<sup>21</sup> relembra-lhe que mesmo essa riqueza só significou mais sofrimento para os aqueus: a briga entre Aquiles e Agamêmnon, com funestas consequências, deriva do espólio dessas excursões, duas cativas. Que parte das agruras aqueias também foram causadas pelo próprio exército, isso é reforçado na sequência, quando, ao serem elencados quatro heróis, o grande Aquiles não recebe nenhum epíteto – talvez por já ter sido mencionado, mas também sem um epíteto, no verso 106 –, mas Pátroclo, por cuja morte Aquiles é, em parte, responsável, recebe um verso inteiro, citado imediatamente antes de Antíloco, que morreu ao salvar o pai. Ajax, por fim, assim como Pátroclo, em que pese ser um herói de exceção (Murari Pires 1999), como fica claro na *Iliada*, tem uma morte que depõe contra as ações aqueias.

Mais que um preâmbulo emocional (de Jong 2001: 74), os versos 103-17 sintetizam o que foi a guerra de Troia de uma forma mais detalhada e abrangente que a construção de Telêmaco. Nestor se alonga em sua negatividade, seu caráter deletério marcado por mortes cuja causa principal está no inimigo (Aquiles, Antíloco) e nos próprios companheiros de combate (Ajax, Pátroclo), mas também constrói um “falso proêmio” para a narrativa que vem na sequência. Antes de examinar essa narrativa, vejamos como o “proêmio” de Nestor se relaciona com outros proêmios épicos, especialmente o da *Odisseia*.

Trata-se de um falso proêmio porque, na sequência, Nestor não trata do tema que, ao modo do aedo que se dirige à Musa,<sup>22</sup> Telêmaco lançou para o ancião, o sofrimento dos gregos em Troia.<sup>23</sup> Ao contrário do que alguns críticos destacaram, penso que, no (início do) discurso de Nestor, sobressaem elementos que o distinguem de uma Musa e, por extensão, de um aedo.

Como em outros proêmios ou “títulos” de cantos,<sup>24</sup> um pronome relativo expande o tema central do relato (“agonia que”, 103).<sup>25</sup> Em um proêmio, o aedo pede ajuda à Musa, que, aqui, é substituída pela própria memória do narrador, que presenciou o que viu (Dickson 1995: 77).<sup>26</sup> O pequeno

<sup>21</sup> Cf. *Il.* 1, 365-67 e 9, 328-33.

<sup>22</sup> Como em “Do varão me narra, Musa...” (1, 1) e “A cólera canta, Deusa...” (*Il.* 1, 1).

<sup>23</sup> O catálogo de heróis mortos acentua o valor do relato de Nestor e da própria *Odisseia*; acerca do uso do catálogo nos poemas homéricos, B. Sammons defende que, de forma geral, são usados para evocar narrativas ou poemas que, por comparação, ficam aquém da *Iliada* e da *Odisseia* (Sammons 2010: 21).

<sup>24</sup> Acerca das semelhanças entre o discurso de Nestor e proêmios épicos, cf. Dickson (1995: 75-84), Ford (1992: 20 e 74-75) e Petropoulos (2012: 303-4); para uma interpretação distinta dessas e da minha, cf. Marks (2008: 112-30).

<sup>25</sup> Cf. *Il.* 1, 1-2; *Od.* 1, 1 e 1, 326-27; a anáfora (109-11) é encontrada em proêmios (Hesíodo, *Trabalhos e dias* 6-8), mas também em outros discursos de Nestor (*Il.* 1, 266-67) e mesmo de Agamêmnon (*Il.* 2, 382-84).

<sup>26</sup> Cf. *Il.* 2, 484-93, proêmio do chamado “Catálogo das naus”, no qual o aedo pede que as Musas se lembrem de quantos vieram a Troia.

catálogo<sup>27</sup> de heróis de Nestor não chega perto da expansão do catálogo de chefes e naus no canto 2 da *Iliada* ou do catálogo de mulheres de Odisseu (11, 225-329), e, mais importante, a objetividade típica do catálogo (Sammons 2010: 16-17) esvai-se quando Nestor escolhe desenvolver o terceiro e quarto elementos de sua lista,<sup>28</sup> Pátroclo e Antíloco, aqueles por cuja morte ele próprio foi indiretamente responsável.<sup>29</sup> Logo após, ao mencionar a enormidade da matéria à sua disposição, Nestor não o faz para, ao modo de um aedo, escolher um tema e segui-lo (1, 10), mas para mencionar a irritação de alguém forçado a ouvir tudo, ou seja, o contrário do que oferecem as Sirenas, uma espécie de conhecimento total.<sup>30</sup> Nestor não menciona a enormidade do material à sua disposição para escolher um tópico dele e construir um enredo, mas para descartar esse material *in toto*. Se eu extrapolasse minha leitura, diria que Nestor quase constrói um proêmio para uma “Guerra de Troia”, mas de pronto descarta esse canto que seria longo demais para ser performado não só para Telêmaco, mas para qualquer um, no que o ancião como que antecipa a análise de Aristóteles, ou melhor, evidencia um lugar de uma performance oral.<sup>31</sup>

Nesse sentido, a narrativa integral de Nestor não é, de fato, muito longa, pois não se detém nas agruras troianas nem narra ao modo de uma Musa.<sup>32</sup> Também se diferencia dela porque não pode dizer onde Odisseu está, e boa parte do que vai relatar a Telêmaco neste e em seu próximo discurso mais longo, ao contrário das Musas, não conhece por autópsia.

O trecho que segue o “falso proêmio” pode ser dividido em duas partes, um elogio de Odisseu (3, 118-29)<sup>33</sup> e um relato de retornos (3, 130-200). Assim como o “falso proêmio” amplifica a síntese negativa da Guerra de Troia

<sup>27</sup>. Repare que não se trata, porém, de uma mera lista, pois pelo menos duas das entradas são desenvolvidas; para essa diferença entre lista e catálogo, cf. Sammons (2010: 9), que nota, entretanto, que ela não é essencial.

<sup>28</sup>. Acerca da participação do receptor na interpretação da lógica de um catálogo, cf. Sammons (2010: 17).

<sup>29</sup>. É Nestor quem sugere que Pátroclo assumo o lugar de Aquiles no combate contra os troianos; acerca da forma como a responsabilidade pela morte de Pátroclo transparece no canto 23 da *Iliada*, cf. Frame (2009).

<sup>30</sup>. Compare com a forma como Odisseu interrompe o catálogo das mulheres que viu no Hades (11, 328-32).

<sup>31</sup>. Para uma interpretação da razão para Aristóteles escolher justamente o Catálogo das naus como exemplo de um “episódio” que Homero embutiou em uma narrativa que é um pequeno recorte de uma Guerra de Troia, cf. Sammons (2010: 21-22).

<sup>32</sup>. Para uma aproximação maior entre Nestor e as Musas, cf. Dickson (1995: 64-84).

<sup>33</sup>. Para uma interpretação diferente – mas não necessariamente oposta – dos versos 103-29, cf. Danek (1998: 79), para quem Nestor configura os eventos até o décimo ano como uma “Aquileida”, concluída com a morte de Ájax, a partir da qual inicia-se uma “era de Odisseu”.

feita por Telêmaco, o elogio de Odisseu retoma a relação entre esse herói e Nestor, que fora mencionada, em composição anelar, por Telêmaco (3, 84-85/98-100). Mais propriamente, portanto, esse elogio dá continuidade ao que chamei de “falso proêmio”, formando uma unidade retórica com ele. De fato, os dois trechos propriamente introdutórios da narrativa de Nestor retomam uma série de termos e temas utilizados por Telêmaco,<sup>34</sup> o que também indica que a narrativa pedida por Telêmaco começa apenas no verso 130 (3, 118-29):

Nove anos contra eles costumamos ( <i>phatomen</i> ) males com cuidado, com todo truque, e quase não os completou o filho de Crono.	A
Lá ninguém queria rivalizar em astúcia diante dele, pois o divino Odisseu por demais sobressaía,	B
com todo truque, o teu pai, caso de fato fores dele o rebento. Reverência me toma ao mirar-te:	C
quanto aos discursos, são adequados, e não seria de crer um varão mais jovem discursar com tal adequação.	C'
Lá, durante essa época, eu e o divino Odisseu nunca divergimos, nem na assembleia nem no conselho,	B'
mas, em um só ânimo, com ideia e refletida decisão, pensávamos ( <i>phrazometh</i> ) como se daria o melhor para os aqueus.	A'

Essa estrutura do trecho que abre a narrativa propriamente dita pode ser comparada ao início da *Odisseia*, cuja ação central é introduzida por um típico proêmio seguido por uma contextualização do retorno de Odisseu em relação ao retorno dos gregos restantes. Compare-se as paráfrases das duas passagens, que mostram como Odisseu e Nestor contrapõem-se a outros aqueus:

- 1, 1-10: Odisseu se destacou em sua viagem de retorno, mas não conseguiu salvar seus companheiros, que morreram pela própria estupidéz;
- 1, 11-19: nisso, demorou muito mais tempo que outros para voltar para casa;
- 3, 103-17: alguns gregos se destacaram, mas o rescaldo da guerra de Troia é de sofrimento, especialmente aquele causado pelos próprios aqueus entre si;
- 3, 118-29: durante esse tempo, Odisseu e Nestor nunca se desentenderam.

Os versos 118-200, por outro lado, compõem uma unidade narrativa levando em conta o passado de Nestor com Odisseu, portanto, a época de

<sup>34</sup> Além dos elementos mencionados, temos o fim de Troia (85 e 119) e o par terra e mar (90-91 e 105-7).

sua vida que é significativa para Telêmaco, objeto da narrativa solicitada pelo jovem. Esse passado pode ser dividido, *grosso modo*, em duas partes, antes (3, 118-29) e depois da tomada de Troia (3, 130-200), pois essa separação reflete o modo como os dois heróis se relacionaram entre si, primeiro cooperando (3, 126-29), depois, divergindo (3, 160-64).

Nestor começa por um louvor aparente e indireto de Odisseu e dos gregos como vencedores da guerra (3, 118-23), sequência que compõe, como indicado na tradução acima, uma estrutura anelar.<sup>35</sup> Se Nestor antes apresentou os gregos como vítimas de males (*pathomen kaka*, 113; *pathon kaka*, 116), portanto, da contingência do acaso, na sequência os alça a artífices de males (*kaka rhaptomen amphiepontes*, 118). A construção do louvor, porém, é curiosa.

Pela sequência do discurso, e levando em conta que a *Odisseia*, oriunda de um ambiente oral de performance e transmissão, deixa supor que, dentro de certos limites, o fluxo da performance permite ao ouvinte repensar o que ouviu antes, o sujeito de “costuramos” (*rhaptomen*), “nós”, parece referir-se a “aqueus”, mencionados pela última vez no verso 116, e, com isso, o referente de “eles” (*sphi*), no verso 118, seria “troianos”, até então, porém, não mencionados por Nestor.<sup>36</sup> Essa leitura é reforçada se se aceitar a estrutura em anel proposta acima e à qual se voltará abaixo: se no verso 129 os argivos são objeto de benesses, em 118 os troianos (*sphi*), por oposição, são objeto de males.

Não é impossível, porém, entreouvir-se “durante nove anos, *Odisseu e eu* costuramos males (para os *gregos?*)”,<sup>37</sup> tendo em vista que o par Odisseu e Nestor, cuja atuação será amplificada ao máximo por Nestor, foi referido por Telêmaco (85), de tal forma que o receptor espera que seja ele o objeto da narrativa do ancião. De fato, no verso 129, o referente da primeira pessoa do plural “pensávamos” (*phrazometh*), verbo do mesmo campo semântico de *rhaptain* (118) quando esse se refere, metaforicamente, a um plano astuto, é “Odisseu e eu, Nestor”, e a fórmula *pantoioisi doloisi* (119 e 122: “com todo truque”), no verso 122, refere-se a Odisseu.

É claro que a caracterização tradicional de Nestor, subjacente ao modo como o ancião age no canto 3 desde o momento que o receptor percebe a boa

<sup>35</sup>. “Adequados” (124) traduz *eoikotes*, que poderia ser traduzido também por “semelhanças”, com o que se marcaria mais explicitamente a relação entre C e C’. Para uma discussão sobre a construção estranha dos versos 124 e 125, cf. West (1988: 167). “Reverência me toma ao mirar-te” é um belo ponto de inflexão para a estrutura, especialmente por ocupar o segundo dístico, pois Nestor se volta da lembrança de Odisseu para o filho presente, no qual “vê” o pai.

<sup>36</sup>. Cf. *Il.* 18, 367: não há nada de estranho em *sphi* referir-se aos troianos sem que o antecedente seja explícito. Nestor refere-se a Troia por meio de “naquela terra” (*Od.* 3, 103-4) e “urbe do senhor Príamo” (107).

<sup>37</sup>. Se soubéssemos com precisão o sentido de *amphiepontes*, talvez a ambiguidade fosse menos acentuada.

ordem cívico-religiosa vigente em Pilos, não permite que essa leitura negativa de Nestor prepondera.<sup>38</sup> Quiçá mesmo que a nenhum ouvinte ela tivesse ocorrido. É muito improvável ver Nestor como fonte de *males* para os gregos mesmo se aceitarmos interpretações que sugerem que ele é representado na *Iliada* como indiretamente responsável pela morte de Pátroclo.<sup>39</sup> O discurso de Nestor antes acentua que os males que atingiram os gregos são fruto da contingência do acaso: apesar de exceler na astúcia, a habilidade que permite o máximo controle do tempo (futuro),<sup>40</sup> Nestor não conseguiu impedir a morte de seu filho, ou seja, ele, Odisseu (e os aqueus) impingiram males diversos aos troianos, mas não foram capazes de evitar os próprios males. Essa visão não destoa daquela da *Iliada*.<sup>41</sup>

E mesmo assim Nestor listou dois heróis cujo *kleos* está ligado a danos causados por aqueus ao próprio exército, Aquiles e Ájax, o que contribui para que, nos versos 120-22, o receptor possa perceber o louvor de Odisseu como ambíguo.<sup>42</sup> De fato, qual o referente de “ninguém” (120)?<sup>43</sup> O pronome refere-se a aqueus, troianos ou é genérico? Como o advérbio “lá” (120) articula-se com a construção anafórica que liga diferentes heróis gregos nos versos 109-11, parece-me ser mais natural pensar em “nenhum aqueu”, até porque um segundo “lá” (126) refere-se ao contingente aqueu. Com isso, porém, a construção perigosamente se aproxima de lembrar ao espectador uma história como a de Palamedes, escolhido por Píndaro na sua representação negativa do *êthos* de Odisseu (*Nemeia* 7, 20-27). A delimitação temporal do verso 118 (os nove primeiros anos da guerra) exclui o cavalo de madeira de “com todo truque” (119),<sup>44</sup> o que não impede, claro, que a fórmula se refira de forma ge-

<sup>38</sup> Cf., porém, 3,151-52, quando Nestor se inclui entre aqueles que, uma vez o exército dividido em dois, pensavam em como prejudicar a outra metade: “À noite descansamos, revolvendo no juízo duras ações, /uns contra os outros...”.

<sup>39</sup> Cf., porém, o receio de Pisístrato (15, 209-14), que caracteriza o ânimo do pai como *hyperbios*; *mutatis mutandis*, é a mesma disparidade presente entre a caracterização do comportamento dos feácios feita por Nausícaa e o modo como eles – sobretudo o casal real – se comporta em relação a Odisseu.

<sup>40</sup> Acerca da astúcia (*mêtis*), cf. Vernant & Detienne (1974).

<sup>41</sup> Acerca do predomínio da contingência do acaso na representação do fim dos heróis no poema, cf. Grethlein (2006).

<sup>42</sup> Diversos autores, porém, atetizam 120-25; cf. West (1988: 167). Acerca da ambiguidade na representação de Odisseu na *Odisseia*, cf. Werner (2005) e Clay (2002), entre outros.

<sup>43</sup> Que o sujeito da expressão, no verso 120, seja equivalente ao nome que Odisseu adota diante de Polifemo, *ou tis*, isso não é uma necessidade gramatical. Para o ouvinte que se lembrar do episódio de Polifemo, a ambiguidade do louvor de Odisseu é reiterada, pois, embora Odisseu vença o ciclope num primeiro momento, seu heroísmo “troiano” põe tudo a perder.

<sup>44</sup> Os eventos da *Iliada* se passam no décimo ano (*Il.* 2, 134), quando finalmente Troia foi conquistada (*Il.* 2, 326-29); acerca da informação temporal em *Il.* 2, 295, cf. Brügger *et al.* (2010: 92) e Kirk (1990: 147).

nérica à representação tradicional de Odisseu, como em 9, 19-20. Seja como for, do verso 122 ao 130 Nestor não fala (explicitamente) dos troianos, só dos gregos. No verso 122 louva Telêmaco por meio da semelhança que percebe com Odisseu quanto à capacidade de articular um discurso (124-25), habilidade que também é da esfera da *mêtis* e que unia Nestor e Odisseu (127-29).

Em Homero, além de Nestor na *Odisseia*, só Agamêmnon usa a expressão ὁμοιωθήμεναι ἄντην (“rivalizar diante de”: 120) e em um discurso na *Iliada* (*Il.* 1, 187), por meio do qual tenta impor sua autoridade, cerceando qualquer rivalidade como a que, em sua opinião, levou Aquiles a se manifestar contra ele (181-87). Essa expressão fecha o discurso que faz Aquiles pensar se deveria ou não matar o outro, de sorte que, na *Odisseia*, Nestor não parece estar se referindo a uma superioridade tranquila de Odisseu, mas a instantes de tensão – e dentro do próprio exército.

A expressão *pantoioisi doloisi*, ao ser usada duas vezes (*Od.* 3, 119 e 122), reforça o tipo de ambiguidade que estamos identificando, pois dessa forma “costuramos males” (*kaka rhapsomen*, 118) e “sobressaía” (*enika*, 121) são postos em paralelo, ou seja, podem pressupor o mesmo alvo ou alvos distintos, troianos ou gregos. A expressão é exclusiva desse trecho da *Odisseia*, mas duas expressões equivalentes reaparecem no poema, ambas em discursos que louvam Odisseu. Na sua apresentação aos feácios, Odisseu revela sua identidade por meio de dois versos que não só são altamente laudatórios, mas têm uma sintaxe bastante ambígua: “Sou Odisseu, filho de Laerte, que, por ardis, por todos / os homens sou conhecido: minha fama o páramo atinge” ( εἴμ’ Ὀδυσσεὺς Λαερτιάδης, ὃς πᾶσι δόλοισιν/ἀνθρώποισι μέλω, καὶ μευ κλέος οὐρανὸν ἵκει: 9, 19-20).<sup>45</sup> Em outra fala de revelação de identidade, é Atena quem usa expressão equivalente para louvar Odisseu (e ela própria), “ladino e furtivo aquele que te ultrapassasse / em todos os ardis, mesmo se um deus te torpasse” (κερδαλέος κ’ εἶη καὶ ἐπὶ κλοπος, ὃς σε παρέλθοι/ἐν πάντεσσι δόλοισι, καὶ εἰ θεὸς ἀντίασει: 13, 291-92). Aqui, a expressão tem um caráter irônico em um discurso que parte de um diálogo cheio de segundos e terceiros sentidos no qual nunca é claro quando um louvor é inequívoco (Werner 2014b). Odisseu, Atena e Nestor, nos três discursos nos quais a expressão é usada, louvam a si mesmos de uma maneira linguisticamente complexa e equívoca, provando, através do próprio discurso, que vale aquilo que estão afirmando de si mesmos, ou seja, que podem manipular a realidade por meio da linguagem.

Nestor afirma que por nove anos se costuraram males por meio de todos os truques. Ora, o grande truque que pôs fim à guerra de Troia foi articulado no décimo ano, o cavalo de madeira, chamado de *dolos* por Odisseu (*Od.* 8,

<sup>45</sup> O dativo πᾶσι pode, de fato, acompanhar δόλοισιν ou ἀνθρώποισι; cf. Segal (1996).



494), de sorte que, com ele, se cumpriu a profecia de Calcas feita em Áulis de que a cidade seria tomada no décimo ano (*Il.* 2, 328-29). Nossas fontes, porém, não mencionam que Nestor tenha agido em conjunto com Odisseu no caso do cavalo, de sorte que a formulação do ancião parece ter o propósito de incluí-lo como objeto de louvor.

Se tomarmos a *Iliada*, cuja narrativa principal é composta por eventos que se desenvolvem no décimo ano da guerra, a cooperação mais clara entre Odisseu e Nestor, no que diz respeito à astúcia, ocorre no livro 9. Mas aqui, o plano de Nestor – o envio da embaixada (*Il.* 9, 163-72) – e a atuação de Odisseu, escolhido por Nestor para liderar o grupo (*Il.* 9, 179-81), é desastrosa. Somente depois do fracasso da embaixada o plano de Zeus é completado, honrar Aquiles por meio de uma derrota parcial dos gregos.

Nestor também menciona, de forma vaga, a atuação de Zeus que leva os eventos a seu *telos*: “e quase não os (sc. os males que nós costuramos) completou o filho de Crono” (μόγις δ’ ἐτέλεσσε Κρονίων: 3, 119). Qual o sentido de “quase não”? A focalização de Nestor refletida na glosa de S. West (1988: 167) torce demais o sentido da construção: “somente depois de muito sofrimento” (a referência seria aos gregos, o sujeito implícito de “costuramos”).<sup>46</sup> Ameis, Hentze & Cauer (1920: *ad loc*) prefere “só de forma hesitante, somente tarde”; a referência é a Zeus. Como em *Il.* 1, 5 (οἰωνοῖσι τε πᾶσι, Διὸς δ’ ἐτελείετο βουλή: “...para aves, banquete – e completava-se o desígnio de Zeus”), a menção à atuação de Zeus ocupa o segundo hemistíquio do verso, sendo antecedida por uma expressão no dativo plural, e liga-se ao restante de forma logicamente solta: nem antes nem depois se fala dos deuses entre os versos 103 e 129.<sup>47</sup>

Levando em conta a profecia de Calcas mencionada no canto 2 da *Iliada*, que Troia seria conquistada no décimo ano, Zeus cumpriu aquilo que prometeu, ou seja, do ponto de vista da guerra concluída, *mogis* não faz muito sentido: no décimo ano, os gregos ganharam. Faz sentido, porém, se a focalização é dos aqueus antes de concluída a guerra, quando, como se articula no canto 2 da *Iliada*, seu ceticismo em relação ao fim da guerra é bastante grande. Sem o *mogis*, a autoridade narrativa de Nestor o assimilaria a um bardo abençoado pelas Musas.<sup>48</sup>

O verso 119 reforça a impressão de que Nestor não conta a guerra como um aedo. É sua experiência que dá o tom da narrativa. A Musa não deixa um aedo relativizar a efetivação de um plano de Zeus por meio de uma modalização como *mogis*, o que é diferente de ela dramatizar a construção dessa

<sup>46</sup> Para Marks (2008: 118), Nestor faz culminar o tema do sofrimento com a conquista de Troia (desenvolvida entre 118 e 129, supõe-se).

<sup>47</sup> Marks (2008: 119) traduz *mogis* por “at last”.

<sup>48</sup> Sobre esse peso da menção da *Dios boulê* na poesia hexamétrica, cf. Allan (2008: 211-12).

efetivação, como, por exemplo, na decisão de Zeus de não interferir na *moira* de Sarpédon (*Il.* 16, 432-61).

A modalização de *mogis*, porém, pode ser comparada com o início da *Odisseia*. Do ponto de vista de Atena, a partida de Odisseu de Ogígia foi atrasada por má-vontade de Zeus (1, 48-62), o que ele de pronto rejeita (64-67), sugerindo que, com a ausência de Posêidon, em visita aos etíopes, chegou o momento para iniciar essa viagem. Assim, há duas maneiras de se compreender a ação de Zeus: ou bem ele estava no controle o tempo todo, ou bem completou *mogis* o retorno de Odisseu.<sup>49</sup>

Outra forma – ou complementar? – de entender o uso de *mogis* é por meio da retórica do *exemplum*: ao apresentar o fim da guerra de Troia, vinculado a uma *boulê Dios*, como algo que ocorreu *in extremis*, Nestor sugere a Telêmaco que talvez o mesmo se repita – e o receptor já sabe que vai se repetir – no retorno de Odisseu.<sup>50</sup>

Se na primeira parte do anel que identificamos acima o louvor de Odisseu é ambíguo (3, 118-22: A+B), o mesmo não se dá na segunda parte (126-29: A'+B'), quando Nestor se introduz explicitamente como agente dos eventos narrados. Assim como Helena na recepção a Telêmaco, o ancião, ao louvar Odisseu, louva a si mesmo. O louvor inequívoco de Odisseu (nos versos 118-22) seria dizer que ele, por meio do cavalo de madeira, pôs fim aos males que os gregos sofreram em Troia e que isso foi cumprido por Zeus. Os versos 118-29, porém, são um extraordinário pano de fundo para a narrativa que inicia no verso 130 e cujo tema central pode ser glosado como “disputas latentes no exército aqueu”. Os versos 103-29 não configuram a guerra de Troia como uma vitória inesquecível e nem mesmo rememoram o valor de grandes heróis, com exceção de Antíloco e, de forma ambígua, Odisseu. Quem se destaca até aqui, sobretudo em vista do que vai ser narrado a partir do verso 130, é o próprio Nestor. O sucesso do cavalo de Troia é uma conquista inalienável de Odisseu, mas, na construção ambígua de Nestor, os planos de Odisseu não eram independentes dos do próprio Nestor: na única vez em que isso ocorreu, Odisseu perdeu seu retorno.

## A NARRATIVA DE NESTOR (2): OS RETORNOS

A interpretação acima de que os versos 103-29 formam uma unidade é reforçada ao se verificar que os versos 130-36 têm um claro sabor de proêmio

<sup>49</sup>. Para uma defesa da atuação dominante de Zeus, cf. Marks (2008).

<sup>50</sup>. Para uma ligação entre *nostos*, a atuação de Zeus e a posição de Nestor, cf. *Il.* 15, 372-75 e o comentário de Marks (2008: 113-14).

da narrativa que segue,<sup>51</sup> o retorno dos aqueus de Troia, especialmente o do próprio Nestor (3, 130-36):

Porém, após saquear a escarpada urbe de Príamo,  
partimos nas naus e um deus dispersou os aqueus,  
e Zeus, então, no juízo armou funesto retorno (*lugron noston*)  
para os argivos, pois nem ponderados nem civilizados  
eram todos; assim muitos deles toparam sorte ruim  
graças à ira (*mênios*) ruínoza da olhos-de-coruja, a de pai ponderoso,  
que instituiu disputa (*eris*) entre ambos os filhos de Atreu.

O verso 130 é utilizado mais duas vezes no poema para marcar o retorno dos aqueus (11, 533; 13, 316), sempre seguido de um verso no qual se fala de naus.<sup>52</sup> O verso 131 também é repetido quando Odisseu indica que há um deus por trás do temporal que prejudicou o início do retorno dos aqueus (13, 317). Mesmo que aceitarmos a “lei de Jörgensen” segundo a qual personagens que não possuem onisciência divina atribuem a causa dos eventos indistintamente a Zeus, *moira*, *daimôn* ou *theos* (Jörgensen 1904), é notável a concentração de causas divinas nos eventos humanos em 3, 130-36, sobretudo a atribuição a Atena como causa da briga entre os aqueus.

Por um lado, é evidente a semelhança dessa passagem com *Il.* 1, 1-10,<sup>53</sup> seja qual for o cenário de composição que se adotar para os poemas: ou bem ambas as passagens apontam para uma forma tradicional; ou o proêmio, como parte “tardia” ou multiforme dos poemas (Wheeler 2002), baseia-se na *Odisseia*; ou a passagem odisseica baseia-se na *Iliada*. De qualquer forma, na sequência, Nestor também emula alguns elementos distintivos da voz de Homero.<sup>54</sup>

<sup>51</sup> Cf. Petropoulous (2012: 296-98, 304ss.) para uma interpretação semelhante; ele compara o trecho com a primeira canção de Demódoco, ambos funcionando como proêmios. Para ele, porém, trata-se de uma “citação”, com variação, de um outro poema conhecido do público, os *Nostoi*.

<sup>52</sup> Que a destruição é condição *sine qua non* para o retorno dos aqueus, isso também aparece em construções formulares na *Iliada*, por exemplo, “saquear a fortificada Ílion e retornar” (“Íλιον ἐκπέρσαντ’ εὐτείχεον ἀπονέεσθαι: *Il.* 2, 288 = *Il.* 2, 113; 5, 716; 9, 20).

<sup>53</sup> Alguns paralelos: em ambos os trechos Zeus é a causa última do arco mais amplo de ação; nos dois se fala de uma ira (*mênis*) funesta, que, embora no proêmio da *Iliada* seja a de Aquiles, na sequência imediata será aquela de Apolo; da ação do deus resulta um *nousos kakês* na *Iliada* e um *kakos oitos* na *Odisseia*; uma disputa (*eris*) é provocada entre dois aqueus por um deus.

<sup>54</sup> Cf., por exemplo, o uso de *nêpios* na primeira posição do verso em referência a uma decisão ou crença equivocada que terá consequências desastrosas (3, 146). Na *Odisseia* esse uso só ocorre mais uma vez, desta vez, feito pela voz de Homero (1, 8); na *Iliada*, porém, é comum (*Il.* 2, 38; 873; 12, 113; 16, 686 etc.).

Na formulação de Nestor, não fica claro quem percebe a cólera de Atena por trás da briga entre os Atridas: pode tratar-se de conhecimento comum, especializado – como no caso de Calcas no canto 1 da *Iliada* – ou do próprio Nestor.<sup>55</sup> Seja como for que se leia a passagem, é inegável que Nestor aparece como o melhor leitor do comportamento dos deuses e, conseqüentemente, o mais prudente na tomada de decisões.

O que Nestor não fez no início do discurso (103-29) ele faz agora: desenvolver a narrativa de uma disputa intestina no exército aqueu que causou desgraças tão terríveis quanto a guerra. Aqui, porém, ele explicita que isso ocorreu porque alguns aqueus eram οὔ τι νοήμονες οὐδὲ δίκαιοι (133), combinação que, no contexto da *Odisseia*, refere-se aos pretendentes (2, 282) e aos povos hostis que Odisseu encontra em seu retorno.<sup>56</sup> Trata-se, portanto, de uma polarização moral que nunca é o caso na *Iliada*, seja entre gregos e troianos seja entre os próprios gregos.

Na história que Nestor desenvolve, a disputa entre os Atridas (137-185), são quatro (ou cinco) os atores principais: ele próprio, Agamêmnon, Menelau e Odisseu. Ajax Oileu é o quinto nome, mas não é mencionado explicitamente, somente de forma indireta como causa primeira da ira de Atena (3, 133-35); ele foi violento com Cassandra, que buscara proteção no templo de Atena na noite da conquista de Troia. Trata-se de um contraponto aos quatro principais aqueus mortos na guerra, só dois deles chefes, mencionados no “falso prêmio”. Os quatro são os atores dos principais retornos relatados na *Odisseia*:<sup>57</sup> o bem sucedido de Nestor; o mal sucedido de Agamêmnon, cujo relato desdobra-se por vários cantos da *Odisseia*; o de Menelau, bastante demorado, relatado no canto 4; e o mais difícil e longo de todos, o de Odisseu.

O destino final dos quatro principais protagonistas é concentrado, pelo relato de Nestor, em um único episódio que o antecede, a briga entre os aqueus que dá início ao retorno e seu segundo *round* em Tenedos: Nestor chegará rápido e bem em casa; o retorno de Agamêmnon só demorará um pouco mais, mas ele será morto pelo amante da esposa, Egisto; Menelau vagará durante sete, e Odisseu durante dez anos. Todos cometem erros na partida ou logo depois dela, menos Nestor. Agamêmnon e Menelau, em conjunto, tomam

<sup>55</sup>. Cf. o conhecimento que Aquiles parece ter da causa da peste que assola os aqueus no início da *Iliada*: embora ele convoque o adivinho Calcas, a autoridade religiosa máxima entre os aqueus, o poema sugere que ele já saiba que é Apolo quem está irado com Agamêmnon; cf. Werner (2004).

<sup>56</sup>. Cf., por exemplo, 9, 175-76; em 13, 209 a referência é aos feácios, mas trata-se de um equívoco de Odisseu.

<sup>57</sup>. O destino de Ajax Oileu será relatado por Menelau a Telêmaco ao repetir a narrativa de Proteu (4, 495-511), que fala de Ajax e Agamêmnon como os dois chefes que “no retorno morreram” (496-97).

uma decisão equivocada – convocar a assembleia num horário inapropriado, quando os guerreiros já teriam bebido vinho demais (137-39) – mas a proposta de Agamêmnon é a pior, tentar apaziguar Atena (143-47). Menelau não consegue convencer Agamêmnon de seu erro pois ambos, ao modo de Aquiles e Agamêmnon no canto 1 da *Iliada*, usam palavras duras (148-49). Odisseu, em um primeiro momento do lado de Menelau e Nestor, em Tenedos briga com Nestor (161) e retorna para junto de Agamêmnon.

De uma forma algo diferente da briga no início da *Iliada*, Nestor não paira simplesmente acima das disputas por ser o único a ver com clareza o equívoco de seus pares. Por certo sua narrativa atribui-lhe, de forma algo discreta, uma sapiência que os outros não possuem, o que transparece no modo como qualifica (as ações d)os outros heróis – por exemplo, nos versos 138, 146 e 148 –, refere ações divinas – 135, 152 e 166 – e sabe usar a sabedoria tradicional – 147. O sucesso de seu retorno, porém, deve-se principalmente a sua atenção cuidadosa conferida ao mundo divino. Basta verificar o contraponto entre o sacrifício ineficaz de Agamêmnon a Atena (146-47) e os eficazes de Nestor, primeiro aos deuses em geral (159), depois, a Posêidon (179-80). De fato, o ancião demonstra não apenas uma proximidade extraordinária com os deuses (173-75), mas também um conhecimento da esfera divina que lhe permite, desde o início, apenas tomar decisões acertadas. A mesma piedade que transparece no festejo a Posêidon que abre o canto 3 perpassa todo o retorno de Nestor. Repare-se, aliás, que tal piedade e proximidade com os deuses está ausente de seu resumo da guerra de Troia.

O retorno de Nestor, portanto, é apresentado como paradigma de um retorno bem sucedido, ao passo que os retornos de Agamêmnon, Menelau e Odisseu, em graus distintos, são um desastre. No centro do retorno de Nestor estão os deuses, assim como estarão os deuses – Posêidon, Atena e Zeus – no centro do retorno de Odisseu (Bakker 2013; Marks 2008).

Quando Nestor relata os retornos dos quais ouviu falar, primeiro fala dos bem-sucedidos de Neoptólemo, Filoctetes e Idomeneu (186-92), e conclui mencionando o de Agamêmnon, cuja coda é a vingança de Orestes, que serve ao ancião para exortar Telêmaco a demonstrar igual valor (193-200).<sup>58</sup> No centro da resposta de Telêmaco, porém, assim como na narrativa de Nestor, está a atuação dos deuses (3, 205-8):

<sup>58</sup> Concordo com Eisenberger (1973: 67), para quem não se trata de uma parentese a Telêmaco para que se vingue: Nestor não mencionou Orestes por causa dos pretendentes, mas como exemplo de jovem valoroso *tout court*. Danek (1998: 89), por sua vez, parece-me ir longe demais ao afirmar que o trecho sinaliza que o *kleos* de Telêmaco anunciado por Atena será conquistado no combate guerreiro contra os pretendentes.

Ah! Se deuses me revestissem com tão grande força  
para vingar-me dos pretendentes pela acre transgressão,  
desmedidos que, contra mim, engenham ações iníquas.  
Mas os deuses não me destinaram tal fortuna,  
a meu pai e a mim...

Assim como o pai, o filho erra na avaliação da ação divina. Nestor, porém, corrige Telêmaco e, indiretamente, seu próprio relato, indicando que não foi a dupla formada pelo ancião e Odisseu que conquistou Troia, mas Atena e Odisseu (218-22):

Que a ti deseje ser cara Atena olhos-de-coruja  
assim como um dia se ocupou do majestoso Odisseu  
na terra troiana, onde nós, aqueus, sofremos agonias,  
pois nunca vi deuses, assim às claras, sendo caros,  
como ao lado daquele, às claras, esteve Palas Atena...

Lembremos que Atena está parada ao lado de Nestor e foi ela quem manifestou explicitamente sua preocupação com Odisseu no canto 1. G. Danek (1998: 80-86) demonstrou que a tese de J. S. Clay da “cólera de Atena” (Clay 1997) como causa do retorno mal-sucedido de Odisseu vai contra a letra mesma do texto,<sup>59</sup> e em nenhum lugar isso fica tão claro quanto no diálogo entre Nestor e Telêmaco. A cólera de Atena é contra Ajax e o exército como um todo. Da tempestade por ela provocada, porém, são poucas as consequências contra os outros chefes.

Odisseu, de fato, erra contra os deuses e será punido por isso, mas somente a partir da ilha dos ciclopes (Bakker 2013). Na base do seu erro está um excesso de confiança, o contrário do que ocorre com Telêmaco, que se mostra cético com o auxílio de Atena para se livrar dos pretendentes (226-28): “Ancião, creio que nunca essa palavra se completará; / falaste grande demais; espanto-me. Não tenho esperança / de que isso ocorreria, nem se deuses o quisessem”.

## O SEGUNDO PEDIDO DE TELÊMACO

A longa prolepse externa que é o relato de Nestor está de acordo com sua caracterização típica no ciclo troiano, um ancião cujos feitos maiores se

<sup>59</sup> Os principais argumentos de Danek (1998: 80-81) são que a culpa secundária dos gregos deve-se à não punição de Ajax, de sorte que é a frota como um todo a atingida; e que o texto não deixa claro até que ponto os problemas enfrentados por aqueles que tardam em partir se devem a Atena.

encontram sempre no passado. Todavia, ao passo que, na *Iliada*, esses feitos são, sobretudo, marciais, ou seja, protagonizados por um jovem Nestor que realizou façanhas junto de uma geração cujo valor ultrapassa o daqueles que lutam em Troia (*Il.* 1, 260-68), no relato da *Odisseia* o feito principal, o retorno de Troia, baseia-se na sapiência e piedade que o ancião continua a demonstrar no seu reinado em Pilos. O caráter exemplar dessa narrativa é, portanto, menos marcado que no outro poema e depende, em parte, da interpretação do segundo pedido de Telêmaco (240-52), que quer ouvir onde estava Menelau quando Agamêmnon morreu.

Telêmaco de novo embute em seu pedido um elogio de Nestor, mas desta vez ele parece menos justificado (3, 243-46):<sup>60</sup>

Agora acerca de outro dito quero inquirir e questionar  
Nestor, pois é mais civilizado e prudente que outros:  
três são as gerações de varões, dizem, que já regeu  
e, para mim, parece um deus quando o miro.

O elogio de um narrador precedendo um pedido para que ele continue sua narrativa talvez seja tradicional,<sup>61</sup> mas, de qualquer forma, é digno de nota que *περίοιδε δίκας ἠδὲ φρόνιν ἄλλων* (244) praticamente repete, por oposição, a forma como Nestor caracterizara negativamente alguns de seus companheiros em Troia (*οὐ τι νοήμονες οὐδὲ δίκαιοι*, 133). Nesse sentido, Telêmaco apenas sugere que, por Nestor ter sabido se comportar no retorno, ele é um narrador melhor para contar o retorno dos outros, ou ele está indicando estar disposto a aprender algo de Nestor, que, tradicionalmente, ensina por meio de narrativas exemplares? A indicação da idade de Nestor por meio do número de gerações que já regeu pertence à caracterização do ancião por Homero antes de ele tentar resolver um problema apoiado em uma narrativa do passado na sua primeira intervenção na *Iliada* (*Il.* 1, 250-51).<sup>62</sup> Sua comparação a um deus, por fim, embora seja tradicional (West 1988: 175), é particularmente eficaz e elogiosa após um relato no qual Nestor mostrou quão próximo está dos deuses.

Telêmaco resume assim a narrativa que quer ouvir (3, 248-52):

Como morreu o filho de Atreu, Agamêmnon amplo-poder?  
Onde estava Menelau? Que fim lhe armou

<sup>60</sup> De fato, Aristarco atetizou as linhas como supérfluas; cf. West (1988: 175).

<sup>61</sup> Acerca dos versos 243-46, de Jong (2001: 81) nota que “as in 8.487–91 and 11.363–9, a request to continue narrating is preceded by praise of the narrator”.

<sup>62</sup> Acerca da precisão numérica do trecho odisséico, cf. West (1988: 175). A longevidade de Nestor deve basear-se em uma tradição que antecede sua fixação na *Iliada* e na *Odisseia* (Danek 1998: 90-91).

Egisto astúcia-ardilosa? Pois alguém bem melhor matou!  
 Ocorreu não estar na Argos aqueia, mas alhures  
 vagava entre os homens, e teve coragem de matá-lo?.

Alguém mais fraco (Egisto) mata alguém mais poderoso (Agamêmnon), já que ataca de surpresa, por meio de uma tocaia, sem que o mais forte tenha contado com seu mais forte aliado (Menelau). É possível pensar esse trecho como se Telêmaco cogitasse que Odisseu poderia chegar e ser morto em Ítaca caso ele, Telêmaco, não estivesse em casa? Nesse caso, ele só precisaria de uma confirmação de que Odisseu *está vivo* para voltar para casa. Isso acontece, de fato, no final do canto 4.<sup>63</sup>

Assim, é antes ao receptor que se sugere ser a presença de Telêmaco em Ítaca importante para a vingança, ou melhor, que, como Odisseu será posto a caminho de Ítaca pelos deuses, o momento do retorno de Telêmaco deve ser preciso, ao contrário daquele de Menelau, que não estava em Micenas nem quando Agamêmnon foi morto nem quando Orestes se vingou, neste último caso perdendo a vingança por muito pouco (305-12). Nestor, porém, ao concluir sua história, de novo, com uma exortação a Telêmaco, insiste que este deve retornar a Ítaca porque os pretendentes devoram seus bens, mas antes deve procurar Menelau, por ser este quem por último chegou e por ter passado por terras muito distantes (313-27).

A pergunta de Telêmaco, portanto, tem duas funções principais para o receptor: produzir a história da morte de Agamêmnon, que, por sua vez, é pano de fundo para a forma como se dá o retorno de Odisseu (Katz 1991), e indicar que Telêmaco poderá sim ter um papel de coadjuvante na vingança de Odisseu, um papel negado a Menelau.<sup>64</sup> Desde o canto 1, o receptor já sabe que Telêmaco não executará um papel semelhante ao de Orestes, mas, por meio da narrativa de Nestor, mostra-se que a história em Micenas poderia ter sido outra se Menelau tivesse chegado com Agamêmnon ou mesmo com Orestes.

Na história narrada por Nestor, Menelau encontra-se no centro, o que está de acordo com o que pedira Telêmaco e prepara a sugestão de Nestor – que com isso concorda com Atena! – de que Telêmaco vá até Menelau. A insistência no *timing*, por sua vez, prepara o receptor para a estrutura da história de Odisseu, qual seja, Telêmaco e Odisseu, por ação de Atena, chegarão praticamente juntos a Ítaca.

<sup>63</sup>. Acerca dos problemas envolvidos na cronologia entre o canto 4 e o canto 15, ou seja, o tempo em que Telêmaco permanece em Esparta, cf. Aphorpe (1980), Olson (1995) e de Jong (2001).

<sup>64</sup>. Para uma outra interpretação, cf. Danek (1998: 91): Nestor sugere a Telêmaco que, assim como Orestes (~Telêmaco) não esperou pela chegada de Menelau (~Odisseu), da mesma forma a iniciativa de matar os pretendentes deve partir de Telêmaco. Essa interpretação, porém, não dá conta da sugestão de Nestor de que Telêmaco primeiro procure Menelau.



## CONCLUSÃO

Ao contrário das histórias de Nestor na *Iliada*, na *Odisseia* elas não se comportam como um *ainos*, ou seja, não indicam uma opção recomendável de ação ao(s) interlocutor(es) por meio de um exemplo. A coda das duas narrativas de Nestor são conselhos do ancião ao jovem Telêmaco, mas praticamente não se relacionam ao núcleo mesmo das narrativas, que, por sua vez, não compõe uma mensagem a ser interpretada pelo receptor interno.

As duas longas narrativas, porém, guardam diversas relações com os eventos principais narrados no poema, a primeira, sobretudo com o retorno de Odisseu, a segunda, com sua vingança, focando a participação de Telêmaco e o *timing* em que vai ocorrer. Isso é ainda mais evidente na primeira narrativa se aceitarmos, com G. Danek, que os eventos narrados não derivam de uma tradição anterior de *nostoi*, mas foram compostos tendo em vista as finalidades da *Odisseia* (Danek 1998: 79).

A primeira narrativa como que comprime o tempo da Guerra de Troia e do retorno dos heróis em uma sincronicidade que é o *êthos* dos heróis, que são os mesmos na planície troiana e no mar. As virtudes que os salvam e os vícios que os põem em dificuldade são os mesmos. Assim, tanto na guerra quanto no período de retorno, que, para alguns, dura poucos dias, mas, para outros, diversos anos, o destaque maior é conferido a erros e a brigas intestinas, não à derrota do inimigo ou à excelência que permite a glória imortal. O sucesso de Nestor, por sua vez, se deve mais à contingência do acaso que à proximidade do ancião com os deuses, já que essa só pode ser construída, por um mortal, *a posteriori*. Não é estranho, portanto, que Telêmaco não se mostre otimista em relação ao sucesso futuro contra os pretendentes, pois, como a própria Atena afirma, esse depende da vontade dos deuses: “Fácil o deus, querendo, e de longe, salva um varão” (3, 231).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMEIS, K. F.; HENTZE, C; CAUER, P. *Homers Odyssee: Für den Schulgebrauch erklärt*. Leipzig: Teubner, 1920.
- ALDEN, M. *Homer beside himself: para-narratives in the Iliad*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- ALLAN, W. Performing the will of Zeus: The *dios boulê* and the scope of early Greek epic. In: REVERMANN, M.; WILSON, P. (org.) *Performance, iconography, reception: studies in honour of Oliver Taplin*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- APTHORP, M. J. The obstacle's to Telemachus' return. *CQ* v. 30, 1980, p. 1-22.
- ASSUNÇÃO, T. R. *Diomède le prudent: contingence et action héroïque dans l'Iliade*. Paris: tese de doutorado, 2000.
- BAKKER, E. J. *The meaning of meat and the structure of the Odyssey*. Cambridge: Cambridge, 2013.

- BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination*. Tradução: C. Emerson & M. Holquist. Edição: M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BONIFAZI, A. *Homer's versicolored fabric*. Washington D. C.: Center for Hellenic Studies, 2012.
- BOUVIER, D. *Le sceptre et la lyre: L'Iliade ou les héros de la mémoire*. Grenoble: Jérôme Millon, 2002.
- BRÜGGER, C. et al. *Band II - Zweiter Gesang (B)*. Faszikel 2: Kommentar. In: BIERL, A.; LATACZ, J. (org.) *Homers Ilias: Gesamtkommentar (Basler Kommentar/BK)*. 2a ed. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.
- CLAY, J. S. *Odyssean animadversions*. In: MONTANARI, F. (org.) *Omero tremila anni dopo*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2002.
- CROTTY, K. *The poetics of supplication: Homer's Iliad and Odyssey*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.
- DANEK, G. *Epos und Zitat: Studien zu den Quellen der Odyssee*. Wien: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1998.
- DETIENNE, M.; VERNANT, J.-P. *Les ruses de l'intelligence: La mètis des grecs*. Paris: Flammarion, 1974.
- DICKSON, K. *Nestor: poetic memory in Greek epic*. New York: Garland, 1995.
- EISENBERGER, H. *Studien zur Odyssee*. Wiesbaden: Steiner, 1973.
- FORD, A. *Homer: the poetry of the past*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.
- FRAME, D. *Hippota Nestor*. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2009.
- GRETHLEIN, J. *Das Geschichtsbild der Ilias: Eine Untersuchung aus phänomenologischer und narratologischer Perspektive*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.
- HALLIWELL, S. *Between ecstasy and truth: interpretations of Greek poetics from Homer to Longinus*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- de JONG, I. J. F. *A narratological commentary on the Odyssey*. Cambridge : Cambridge University Press, 2001.
- JÖRGENSEN, O. Das Auftreten der Götter in den Büchern τ-μ der Odyssee. *Hermes* v. 39, 1904, p. 357-82.
- KAHANE, A. *Diachronic dialogues: authority and continuity in Homer and the Homeric tradition*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2005.
- KATZ, M. A. *Penelope's renown: meaning and indeterminacy in the Odyssey*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- KIRK, G. S. *The Iliad: a commentary. Volume 1: Books I-IV*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MARKS, J. *Zeus in the Odyssey*. Hellenic Studies 31. Cambridge, Mass./London: Center for Hellenic Studies, 2008.
- MINCHIN, E. *Homer and the resources of memory: some applications of cognitive theory to the Iliad and the Odyssey*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- MURARI PIRES, F. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- MURNAGHAN, S. The poetics of loss in Greek epic. In: BEISSINGER, M. et al. (org.) *Epic traditions in the contemporary world: the poetics of community*. Berkeley: University of California Press, 1999, p. 203-20.
- OLSON, S. D. *Blood and iron: stories and storytelling in Homer's Odyssey*. Leiden: Brill, 1995.
- PEPONI, A.-E. *Frontiers of pleasure: models of aesthetic response in archaic and classical Greek thought*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- PETROPOULOUS, J. C. B. The Telemachy and the Cyclic Nostoi. In: MONTANARI, F.; RENGAKOS, A.; TSAGALIS, C. (org.) *Homeric contexts: Neanalysis and the interpretation of oral poetry*. Berlin: de Gruyter, 2012.
- ROISMAN, H. M. Nestor the good counsellor. *CQ* v. 55, 2005, p. 17-38.

- SAÏD, S. Les crimes des prétendants, la maison d'Ulysse et les festins de l' *Odyssee*". In: SAÏD, S.; DESBORDES, F.; BOUFFARTIGUE, J.; MOREAU, A. (eds.) *Études de littérature ancienne*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1979, pp. 9-50.
- SAMMONS, B. *The art and rhetoric of the Homeric catalogue*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- SEGAL, C. *Kleos and its ironies in the Odyssey*. In: SCHEIN, S. (org.) *Reading the Odyssey: selected interpretive essays*. Princeton : Princeton University Press, 1996.
- THIEL, H. *Homeri Ilias*. Hildesheim/Zürick/New York: Olms, 2010.
- TSAGALIS, C. *Epic grief: personal laments in Homer's Iliad*. Berlin/New York: de Gruyter, 2004.
- van WEES, H. Heroes, knights and nutters: warrior mentality in Homer. In: LLOYD, A. B. (org.) *Battle in Antiquity*. London: Duckworth, 1996.
- WERNER, C. A astúcia de Aquiles no canto I da *Iliada*. *Argos* v. 28, 2004b, p. 93-103.
- . Os limites da autoridade de Odisseu na *Odisséia*. *Caliope* v. 13, 2005, 9-29.
- . *Odisseia*. In: —. (org.) *Homero: Odisseia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014a.
- . Introdução. In: —. (org.) *Homero: Odisseia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014b.
- WEST, S. Books I-IV. In: HEUBECK, A. (org.) *A commentary on Homer's Odyssey*. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 1988-92.
- WHEELER, G. Sing, Muse...: the introit from Homer to Apollonius. *CQ* v. 52, 2002, p. 33-49.
- WÖHRLE, G. *Telemachs Reise: Väter und Söhne in Ilias und Odyssee oder ein Beitrag zur Erforschung der Männlichkeitsideologie in der homerischen Welt*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999.

#### Ficha técnica

Divulgação	Publicações IEL-UNICAMP
Montagem	Publicações IEL
Editoração	In design
Formato	16 x 23 cm
Mancha	12 x 19 cm
Tipologia	Adobe Garamond Pro 9, 11
Papel	Miolo: Pólen Soft 75 g/m Capa: Cartão Supremo 250 g/m
Impressão e acabamento	Book Editora
Numero de páginas	128
Tiragem	150 exemplares